



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília

Ana Luiza Ferreira Omae

**A FETICHIZAÇÃO DE MULHERES AMARELAS:
UM OLHAR A PARTIR DA OBRA ORIENTALISMO: O ORIENTE COMO
INVENÇÃO DO OCIDENTE DE EDWARD SAID**

Marília
2024

Ana Luiza Ferreira Omae

**A FETICHIZAÇÃO DE MULHERES AMARELAS:
UM OLHAR A PARTIR DA OBRA ORIENTALISMO: O ORIENTE COMO
INVENÇÃO DO OCIDENTE DE EDWARD SAID**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Relações
Internacionais, da Faculdade de Filosofia e
Ciências, da Universidade Estadual Paulista –
UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção
do título de Bacharel em Relações
Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Duarte
Fernandes dos Passos

Marília
2024

O54f

Omae, Ana Luiza Ferreira.

A fetichização de mulheres amarelas: um olhar a partir da obra
Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente de Edward
Said / Ana Luiza Ferreira Omae. -- Marília, 2024
23 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado – Relações
Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Orientador: Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos

1. Feminismo. 2. Perspectivas ocidentais. 3. Relações
Internacionais. I. Título.

Ana Luiza Ferreira Omae

**A FETICHIZAÇÃO DE MULHERES AMARELAS:
UM OLHAR A PARTIR DA OBRA ORIENTALISMO: O ORIENTE COMO
INVENÇÃO DO OCIDENTE DE EDWARD SAID**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Banca Examinadora

Prof^ª. Prof. Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, Faculdade De
Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Mestre Danielle Gonçalves Passos do Nascimento
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, Faculdade De
Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Mestre Enndiel dos Santos Mendes
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, Faculdade De
Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Marília, 12 de dezembro de 2024.

Àqueles que, mesmo quando eu desacreditei de mim mesma, continuaram lá por mim.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmão, em especial a minha amada mãe, agradeço imensamente por todo o amor, apoio incondicional e ensinamentos ao longo da minha vida. Vocês são a base de tudo o que sou e a razão pela qual pude chegar até aqui.

Aos meus sobrinhos Leonardo Henrique e Lívia Helena, que ao longo desses anos foram o combustível de alegria para que eu suportasse a distância de família e amigos. Com vocês vi que é possível um amor genuíno e espontâneo surgir dentro de mim.

Às minhas amigas, Fernanda Meluci, Fernanda Schmöller, Gabriella Carneiro, Laura Prado, Márcia Silva e Nicolle Garcia, que se tornaram a minha família em Marília ao longo desses anos e pela companhia nos momentos de alegria e tristeza, a amizade de vocês foi essencial para que eu não desistisse nos momentos mais desafiadores.

Ao meu orientador Rodrigo Passos, pela paciência, compreensão, orientação e pelas valiosas contribuições durante todo o processo. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para a realização deste trabalho.

E, finalmente, a mim mesma, por não ter desistido diante das adversidades, ainda que tenha pensado nisso diversas vezes; por ter acreditado no meu potencial e por todo o esforço colocado nessa caminhada. Este momento é uma conquista que celebra todo o trabalho árduo e dedicação investidos.

As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão

Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão.

(Drummond, 1951, p. 27)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
UM OUTRO OLHAR PARA AS RI: FEMINISMO E MULHERES AMARELAS	13
INTERPRETANDO O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID: PERSPECTIVAS GERAIS ACERCA DAS MULHERES AMARELAS	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

A FETICHIZAÇÃO DE MULHERES AMARELAS: UM OLHAR A PARTIR DA OBRA ORIENTALISMO: O ORIENTE COMO INVENÇÃO DO OCIDENTE DE EDWARD SAID¹

THE FETISHIZATION OF YELLOW WOMEN: A LOOK AT THE WORK ORIENTALISM:

THE ORIENT AS AN INVENTION OF THE WEST BY EDWARD SAID

LA FETICHIZACIÓN DE LA MUJER AMARILLA: UNA MIRADA A LA OBRA

ORIENTALISMO: ORIENTE COMO INVENCIÓN DE OCCIDENTE DE EDWARD SAID

Ana Luiza Ferreira Omae²

RESUMO: Os estudos feministas e as leituras de obras importantes estão pouco a pouco mais conectados com as Relações Internacionais. À vista disso, o presente artigo teve como problema central a fetichização de mulheres amarelas, a fim de entender como essa questão afeta mulheres asiáticas e não-ocidentais. A partir da obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* do autor, crítico literário e ativista palestino-estadunidense, Edward Said, o artigo abordou a idealização da mulher oriental e sua sexualização, de como essa mulher é vista, levando em considerações suas experiências e relacionando com elementos de teóricas das Relações Internacionais. Para isso, trechos do livro citado foram utilizados e interpretados, além de outros importantes textos de autoras feministas consolidadas nas RI e outras de matrizes não ocidentais. O artigo foi desenvolvido por meio da análise qualitativa e de revisão bibliográfica de cunho narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Perspectivas ocidentais. Relações Internacionais.

ABSTRACT: Feminist studies and the reading of important works are gradually becoming more connected with International Relations. In view of this, the central problem of this article was the fetishization of yellow women, in order to understand how this issue affects Asian and non-Western women. Based on the book *Orientalism: The Orient as an Invention of the West* by the Palestinian-American author, literary critic and activist Edward Said, the article looked at the idealization of Oriental women and their sexualization, how these women are seen, taking into account their experiences and relating them to elements of International Relations theory. To this end, excerpts from the aforementioned book were used and interpreted, along with other important texts by established feminist authors in IR and others

¹ O presente trabalho, submetido Revista Práxis e Hegemonia Popular, com número de e-ISSN: 2526-1843, é o Trabalho de Conclusão de Curso, no modelo de artigo científico, apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

² Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-Marília).

from non-Western backgrounds. The article was developed using qualitative analysis and a bibliographical review.

KEYWORDS: Feminism. Western perspectives. International Relations.

RESUMEN: Los estudios feministas y la lectura de obras importantes se están relacionando cada vez más con las Relaciones Internacionales. En vista de ello, el problema central de este artículo fue la fetichización de la mujer amarilla, con el fin de comprender cómo afecta esta cuestión a las mujeres asiáticas y no occidentales. Basándose en el libro *Orientalismo: Oriente como invención de Occidente*, del escritor, crítico literario y activista palestino-estadounidense Edward Said, el artículo analizó la idealización de mujer oriental y su sexualización, cómo se ve a estas mujeres, teniendo en cuenta sus experiencias y relacionándolas con elementos de la teoría de las Relaciones Internacionales. Para ello, se utilizaron e interpretaron extractos del libro, así como otros textos importantes de autoras feministas consagradas en las RI y otras fuentes no occidentales. El artículo se desarrolló mediante un análisis cualitativo y una revisión bibliográfica.

PALABRAS CLAVE: Feminismo. Perspectivas occidentales. Relaciones internacionales.

INTRODUÇÃO

O vasto material de Relações Internacionais (RI) em mais de um século de existência mostra o que já foi produzido e quais temas são parte desses estudos. Tickner (2001), Foiatto (2018) e Santos (2023) revelam que foi a partir de 1980 que as produções teóricas feministas começaram a ser empregadas nas análises de RI.

Desde sua origem, no começo do século XX, a disciplina de Relações Internacionais (RI) passou por uma série de debates tanto sobre seus temas-chaves, quanto acerca das metodologias apropriadas para suas investigações. De maneira geral, as mulheres estiveram marginalizadas e excluídas desses debates e, conseqüentemente, da construção da disciplina (Foiatto, 2018, p. 23).

Foi no contexto dos anos 1980 que surgiram as primeiras abordagens feministas nas Relações Internacionais. Algumas das principais causas se devem ao fim do sistema internacional bipolar, o fracasso da perspectiva realista para projetar o desfecho da Guerra Fria, e conseqüentemente o aparecimento de abordagens críticas. Dentro desta última é que localizamos a perspectiva feminista nas RI (Santos, 2023, p. 139).

Para Foiatto (2018), os livros *Women and War*, de 1987, escrito por Jean Elshtain e *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Relations*, lançado em, 1989, de Cynthia Enloe são duas das principais obras importantes que tratam o feminismo nas RI e são exemplos de obras pioneiras do feminismo na disciplina. Tanto Jean Elshtain quanto Cynthia Enloe são autoras feministas que incluíram o gênero como categoria de análise fundamental na política internacional, algo que não era visto nas outras correntes teóricas dominantes. Ambas escritoras procuraram por meio de instituições e normas do sistema

internacional questionar as hierarquias e desigualdades nas relações entre gêneros, de identidade de homens e mulheres, procurando dar protagonismo e visibilidade às mulheres. Contudo, apesar da existência dos estudos feministas na disciplina de RI, o crescimento das produções focadas no feminismo continuam marginalizadas. Tanto que para Tickner (2001), as mulheres sempre estiveram presentes no campo das disciplinas, mas durante bastante tempo foram ofuscadas pelas lentes positivistas e dominantes das Relações Internacionais.

Segundo Santos (2023), além dos dois livros já mencionados, o livro *Gender in International Relations; Feminist Perspectives in Achieving Global Security*, lançado em 1992, por J. Ann Tickner, também é uma referência de origem anglo-saxônica sobre feminismo e Relações Internacionais. Então, muitos trabalhos em RI, voltados para as noções feministas, começaram com o questionamento de: onde estão as mulheres nas Relações Internacionais?. “Nesse contexto, o feminismo objetivou dar explicações históricas e estruturais sobre as relações de poder inseridas na ordem mundial vigente, e a partir disso, observar em diferentes ações, seja na esfera pública ou privada, a diversidade cultural com que diferentes estudos permitem tratar as abordagens das mulheres nas RI” (Santos, 2023, p. 140). As tarefas, características, urgências e problemas ligados à presença das mulheres nas Relações Internacionais e na sociedade como um todo colocam questões e perspectivas para pensar as experiências não só de mulheres brancas, ricas, europeias e estadunidenses. Existem experiências de diferentes tipos de mulheres. Pois existe “uma heterogeneidade de mulheres, portanto, há inconvenientes de falar de mulheres de forma unificada” (Santos, 2023, p. 145).

As mulheres amarelas, objeto de estudo deste artigo, vivenciam preconceitos raciais e são alvos de fetiches também racializados. Kurihara e Baliscai (2022) explicam que alguns sujeitos possuem a raça como um marcador bem delimitado em suas vidas e em relação às mazelas que sofrem, além de somente o gênero, como é o caso das mulheres amarelas. Essas características intensificam os discursos estereotipados construídos sobre as identidades e características de mulheres amarelas, de mulheres orientais.

Na visão de Kurihara e Baliscai (2022), existe a necessidade de repensar o ideal, as histórias e referências que são disseminadas e compartilhadas em termos de pessoas, principalmente mulheres, que destoam da norma tradicional ocidentalizada, “chamando atenção para aquelas que representam mulheres amarelas” (Kurihara; Baliscai, 2020, p. 288). Buscar entender as especificidades e problemáticas dessas mulheres em meios conhecidos, por exemplo os livros, mídias, internet etc., é uma alternativa importante.

À vista disso, em uma experiência pessoal, ouvi elogios como “Você é uma mestiça linda! Meu sonho é namorar alguém como você”, o que evidencia como a fetichização de mulheres amarelas atravessa séculos e fronteiras, reduzindo identidades complexas a estereótipos exóticos e idealizados. Atualmente, este desejo é representado e perpetuado através da indústria cinematográfica, publicitária, pornográfica e através das redes sociais. Essas mulheres são colocadas em duas “caixas” estereotipadas contrastantes, uma de traços doces, delicados, seduzentes e de personalidade ingênua, as chamadas “flor de Lótus” e as outras sedutoras, perigosas, enfeitiçantes e destemidas, chamadas de “*Dragon Lady*” (Pires,

2020, p. 3). Indo de encontro a base deste estudo, todo fascínio gerado por esses estereótipos podem ser explicados pelo termo “Orientalismo” de Edward Said, que diz:

[...] o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (Said, 2007, p. 29).

A partir disso, pode-se perceber que as relações de sexualidade e gênero estão inseridas num campo maior de dominação de poder, onde o “Ocidente” controla e dita os rumos do “Oriente”. Assim, a fetichização de mulheres amarelas se mostra como objeto de pesquisa. Vale ressaltar que essa fetichização não ocorre de maneira isolada, ela caminha lado a lado com o machismo, racismo e a xenofobia. Ou seja, a condição da mulher asiática, amarela e/ou do oriente não é compreendida apenas a partir de uma questão do gênero, mas também a partir de pontos raciais, étnicos e de localidade, assim como é o caso de outras mulheres marcadas por esses outros elementos.

Todas essas formas de violência e opressão silenciam e reduzem as mulheres a meros objetos de satisfação sexual, sempre impostas, em sua maioria, por homens brancos do Ocidente. Essas categorizações prejudicam suas experiências diárias, relações pessoais e autoestima. De acordo com Pires (2020), no artigo *Um Lótus ou um Dragão? – a orientalização e fetichização dos corpos das mulheres Asiáticas*, mulheres chinesas residentes em Lisboa relatam como seguem sendo vistas como fantasias exóticas, mesmo quando nascidas fora da Ásia. O trecho refere-se ao projeto de Doutorado em Antropologia de Isabel Pires, que, com base em entrevistas realizadas por essas mulheres, investiga como são fetichizadas no cotidiano e de que forma (re)constróem suas identidades. Em uma das entrevistas feitas pela autora, Anne relata que:

Estava num bar com uns amigos e chega um amigo de um deles que mal olha para mim me diz, ‘eu sou louco por mulheres asiáticas’. Ele nem sabia o meu nome. Mas passou a noite a querer ficar comigo, dizia-me que para ele uma mulher asiática, qualquer uma, é que era ‘uma mulher a sério’. Que as asiáticas eram especiais, o faziam sentir ‘mais homem’ (Anne, 27 anos, nascida em Portugal) (Pires 2020, p. 3).

Vale ressaltar que Anne, mesmo nascida em Portugal, mas por conter traços fenotípicos amarelos, sofre com essa fetichização racializada, que, mais uma vez, não só apaga as diversas vivências e individualidades das mulheres amarelas, mas também contribui para uma desumanização silenciosa. Assim, elas passam a ser vistas como meros objetos de desejo, sem espaço para expressar sua subjetividade ou resistir a esses estereótipos impostos. Há uma tendência de invisibilizar as violências de gênero que as mulheres amarelas sofrem, em parte por causa dessas mesmas representações. A figura da mulher asiática submissa (flor de Lótus) é frequentemente romantizada, ocultando as opressões estruturais e as desigualdades de poder presentes nas interações raciais e de gênero.

Dessa maneira, a obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said, será o fio condutor deste artigo. A partir da leitura do autor, interpretamos que a sexualização das mulheres orientais faz parte da construção ocidental do "Oriente" como um

espaço exótico, misterioso e subordinado ao Ocidente. Ele argumenta que essa representação faz parte de um discurso imperialista que reduz o Oriente a estereótipos que servem aos interesses de dominação e controle do Ocidente. Ao longo de diversas passagens que parafraseiam outros autores e obras, é possível perceber a visão eurocêntrica e de branquitude em relação às visitas que fizeram às regiões citadas, sempre com um olhar de estranheza e encantamento.

No contexto da sexualização das mulheres, Said (2007) aponta que as mulheres orientais são frequentemente retratadas na literatura, na arte e na cultura ocidentais como figuras sexualizadas, submissas e com certo ar de misticismo, servindo como fantasias de prazer e encantamento para o olhar masculino da região e também branco e eurocêntrico. Por isso são representadas como objetos de desejo, erotizadas, muitas vezes em poses sensuais ou em ambientes que sugerem luxúria e submissão, como haréns ou banhos. Essas representações reforçam a ideia de que o Oriente é um lugar de decadência e sensualidade, contrastando com a suposta racionalidade e superioridade moral do Ocidente. Said (2007) critica essas representações por desumanizar as mulheres orientais e por perpetuar um imaginário que justifica a dominação cultural e política do Oriente pelo Ocidente. Isto posto, é preciso ressaltar que o livro se concentra principalmente no Oriente Médio, no Norte da África e na representação do mundo árabe-islâmico, tendo poucas citações de países do que o autor chama de “extremo-orient”, como Japão, China e Coreia (Said, 2007).

Ao longo deste artigo, que está dividido em duas partes, pode-se compreender os questionamentos surgidos acerca do tema. Na primeira parte, propõe-se romper com o modelo universal de ser mulher e quais implicações causadas por esse modelo imposto, além de traçar um paralelo entre as teorias feministas e de gênero das RI. Na segunda parte, encontra-se a fundamentação na obra de Said (2007) e a maneira como o modelo amplamente influente de mulher oriental define a *yellow fever*³ (Gadelha, 2023), através da análise de trechos do livro, bem como de se questionar a estrutura que essas mulheres estão inseridas e qual o impacto da problemática nas pautas feministas das RI. A metodologia usada foi análise qualitativa e revisão bibliográfica de cunho narrativo.

UM OUTRO OLHAR PARA AS RI: FEMINISMO E MULHERES AMARELAS

Analisar as muitas conexões e possibilidades de mulheres em âmbitos diferentes faz parte da realidade, especialmente das Relações Internacionais. Em aulas de disciplinas, textos e palestras se vê essa e outras perspectivas. Salvaterra (2019) afirma que no cenário internacional existe uma invisibilidade de mulheres, especialmente em lugares de tomada de decisão. Por isso, as lentes teóricas feministas, majoritariamente, dedicam-se a trabalhar em cima de fomentar essa maior visibilidade, uma vez que estas têm como pauta e pretensão de

³O termo *yellow fever* é usado para descrever uma atração sexualizada por pessoas amarelas. Essa atração muitas vezes é influenciada por representações estereotipadas na mídia e pela projeção de características de personagens fictícios e artistas admirados. Ou seja, reduzir uma pessoa ou grupo de pessoas a aspectos físicos ou de personalidades de maneira generalizada e simplória (Gadelha, 2023).

erradicar todas as formas de desigualdade, opressão e preconceito que ainda regem as mulheres dentro de espaços públicos e privados. É preciso trabalhar para que as mulheres consigam ocupar esses espaços de poder e que não sejam marginalizadas somente pela condição de serem mulheres. “Assuntos como patriarcalismo e as hierarquias de gênero, são apontados como as principais consequências geradas pela construção do Gênero, na idealização da diferenciação do corpo masculino e feminino” (Salvaterra, 2019, p. 11).

Salvaterra (2019) também expõe que as mulheres são por muitas vezes colocadas em lugares de submissão, apagamento e inferiorização dentro da sociedade que é caracterizada como uma sociedade patriarcal. Portanto, as relações de gênero, definidas no interior das sociedades, levam à compreensão da existência de muitas problemáticas ocasionadas e impostas por uma estrutura machista e misógina. Muitas dessas questões são causadas pelos impasses e desigualdades gerados entre homens e mulheres, que limitam e prejudicam tão somente as mulheres. A estrutura mundial das sociedades é pautada nas diferenças binárias, que advém da construção social de gênero.

A rotina da sociedade, quotidianamente, é edificada através da construção estrutural do patriarcalismo, constituído da hierarquização do poder masculino sob o poder feminino. A problemática em causa tem origens em uma construção ideológica e tradicional masculina e machista, que institucionaliza padrões, valores e normas nas sociedades, e os estudos sobre essa determinada construção social, permitiu que se pudesse observar até aí a extensão do domínio e controle dos homens sobre as mulheres (Salvaterra, 2019, p. 12).

Simioni, Kyrillos e Vidal (2024) apresentam que dentro das Relações Internacionais os olhares e perspectivas teóricas feministas estão encontrando espaços, com ênfase para os manuais de introdução de RI a partir dos trabalhos de feministas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Existe uma constatação que foi a partir dos anos de 1980 que os trabalhos dessas autoras feministas passaram a contribuir na construção de uma agenda de pesquisa engajada em colocar em foco as mulheres nas análises do Sistema Internacional.

Esses primeiros trabalhos são das autoras tais como Cynthia Enloe e J. Ann Tickner. Enloe e Tickner são intelectuais expoentes do norte global na disciplina de Relações Internacionais e conquistaram atenção entre os mais prestigiados teóricos e estudiosos ligados a diferentes perspectivas, do mesmo modo que conquistaram ampla repercussão em termos de frequência e repetição de citações nos livros, artigos, ensaios, manuais introdutórios da disciplina etc. *Bananas, beaches and bases: making feminist Sense of International Relations* (1989), de Cynthia Enloe, foi pioneiro nessas análises de incluir as mulheres na análise da política internacional, algo que praticamente não existia nas demais vertentes teóricas. Também existem os artigos *Hans Morgenthau's principles of political realism: a feminist reformulation* (1988) e *You just don't understand: troubled engagements between feminists and IR theorists* (1997) de J. Ann Tickner que contrapõe as principais críticas positivistas às inovações epistemológicas e ontológicas feministas no que se refere ao silêncio das normas e das instituições sobre as assimetrias e as hierarquias de gênero no âmbito do Sistema Internacional (Simioni; Kyrillos, Vidal, 2024).

Do norte global, trouxemos Enloe e Tickner, que possuem uma produção acadêmica marcadamente feminista e estabelecida na disciplina, considerando, dentre outros elementos indicados, o alto número de citações de seus trabalhos entre os pares. Consideradas relevantes no campo das RI, essas autoras anunciam uma abordagem que se ocupa de sujeitos tradicionalmente invisíveis para as teorias mainstream (Simioni; Kyrillos, Vidal, 2024, p. 10).

Portanto, é essencial compreender como as dinâmicas de gênero e raça estão intrinsecamente ligadas às estruturas de poder, e nos leva a questionar suas bases e explorar como os estereótipos de gênero também moldam a política internacional e perpetuam desigualdades entre os gêneros, etnias e raças. Para isso, aqui procuramos efetuar uma breve leitura feminista sobre a temática da mulher (amarela) com base no livro *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said.

Nas Relações Internacionais, questões de política internacional são definidas tradicionalmente em termos de guerra e paz, uma vez que o realismo se tornou a principal, mas não a única, corrente teórica após a Guerra Fria (Souza, 2014). Sabendo que nessa teoria não há espaço para outras temáticas que não as estratégias de dominação de poder e consolidação de interesses no sistema internacional, não existiriam questionamentos sobre gênero ou qualquer outro tópico fora disso. Por isso, para mulheres amarelas, essas dinâmicas ganham contornos específicos, já que suas experiências são frequentemente moldadas por estereótipos exotizantes e subalternos associados ao colonialismo europeu e americano. O feminismo interseccional destaca que as opressões enfrentadas por essas mulheres não podem ser compreendidas isoladamente, mas como resultados de múltiplas camadas de discriminação, incluindo raça, gênero e classe (Crenshaw, 2002; Oliveira, 2021).

Uma leitura feminista de *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said, destaca como o conceito de "Oriente" é construído e representado de maneiras que frequentemente subordinam tanto o Oriente como as mulheres orientais, reforçando estereótipos coloniais e patriarcais. Said (2007) explora como o Ocidente historicamente retrata o Oriente como um "outro" exótico e passivo, o que muitas vezes recai sobre as representações de mulheres orientais, apresentadas como submissas, sensuais ou misteriosas. Essa visão deriva de um olhar eurocêntrico e masculino que tanto orientaliza como sexualiza essas mulheres, atribuindo-lhes papéis que atendem às fantasias e preconceitos ocidentais, sem refletir suas realidades complexas e suas próprias vozes.

Uma abordagem feminista expande o trabalho de Said (2007) ao aprofundar as implicações de gênero nessas representações. Por exemplo, questiona como essas imagens afetam a autonomia e a identidade das mulheres orientais e problematiza a forma como o discurso orientalista contribui para a opressão de gênero e para o controle dos corpos femininos. Além disso, uma leitura feminista sugere a necessidade de se ouvir e valorizar as narrativas das mulheres do Oriente, em vez de vê-las apenas como objetos de desejo ou de análise teórica, propondo uma compreensão que dê espaço à pluralidade e à agência dessas mulheres.

Assim, ao considerar as ideias de Said (2007) a partir de uma perspectiva feminista, é possível perceber como o discurso orientalista não só contribui para a dominação cultural, mas também reforça estruturas patriarcais e limitações impostas às mulheres, revelando camadas adicionais de poder e controle que vão além das questões de colonialismo e identidade cultural abordadas por Said.

Crenshaw (2002) explica que, historicamente, as diferenças entre homens e mulheres foram usadas como justificativa para marginalizar os direitos femininos. No geral, uma maneira de justificar a desigualdade de gênero, que atualmente é simbolizada pelas discrepâncias nas análises de gênero em suas práticas. Haja vista que, segundo Scott (1995), os conceitos de gênero são capazes de estruturar a organização e percepção simbólica e concreta de toda a vida social. As definições e diferenças de gênero implicam na concepção e construção do próprio poder. Ou seja, gênero dá sentido às relações de poder. E nesse sentido o feminismo e as análises feministas, a exemplo dessa que fizemos, desafiam inúmeras certezas disciplinares das RI, sobretudo sobre a concepção de poder (Souza, 2014).

Para Crenshaw (2002), sob uma visão interseccional, mesmo com as lacunas absurdas em relação às informações disponíveis sobre as mulheres racialmente marginalizadas em todo o âmbito mundial, é possível incentivar a discussão sobre as várias formas de discriminação contra as mulheres e suas múltiplas identidades. Muta e Correa (2023) evidenciam a existência de um debate acerca de como as mulheres asiáticas amarelas são vistas e como essas identidades são tratadas na sociedade. A crítica parte da noção de que a supremacia branca fomentou para o surgimento de estereótipos raciais sobre pessoas asiáticas, principalmente de mulheres asiáticas e amarelas, utilizando como base fundamental o Orientalismo e o mito da “Minoria modelo” como ponto essencial. “É comum que mulheres sejam vistas como um objeto e de forma distorcida, dentro do contexto de satisfação dos desejos sexuais da supremacia masculina” (Muta; Correa, 2023, p. 1).

Ainda para Muta e Correa (2023), o tratamento que as mulheres recebem em sociedade é de um lugar de “objeto sexual”, marcado por um machismo estrutural que é refletido nas estruturas sociais e políticas. Com enfoque para as mulheres racializadas que sentem uma vulnerabilidade e machismo ainda mais potencializado, percebe-se uma sexualização enraizada desde muito tempo. Quando se trata das mulheres amarelas não é só o machismo estrutural que interfere na sua condição de existência, mas também toda uma herança das práticas Colonialistas e Orientalistas, da ideia do Perigo Amarelo que difundiu no período da Segunda Guerra Mundial e do Mito da Minoria Modelo. As mulheres amarelas são frequentemente retratadas e definidas como “exóticas”, especialmente quando se referem a atributos físicos dessas mulheres. Existe um forte fetiche sexual, atrelado a essas mulheres, que normalmente está fixado dentro de princípios racistas que devem ser finalizados e que limitam os espaços que essas mulheres ocupam. Assim, as conexões entre machismo, racialização e fetichização do corpo das mulheres são muito fortes. (Muta; Correa, 2023, p. 1).

INTERPRETANDO O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID: PERSPECTIVAS GERAIS ACERCA DAS MULHERES AMARELAS

Nascido em 1935, Edward Said foi filho de árabes cristãos e teve sua educação básica no Cairo, Egito. Ainda jovem, mudou-se para os Estados Unidos e estudou nas Universidades de Princeton e Harvard. Em 1963 começou a lecionar literatura na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. O autor foi um célebre crítico literário e cultural das relações de poder imperialistas, além de ser protagonista da questão palestina com seus diversos livros e artigos. Ele faleceu em 2003, aos 67 anos, após longa batalha contra leucemia (BBC; Companhia das Letras, 2003, s.d.).

Em seu livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (edição de 2007), Said (2007) aborda que o Oriente vai além da denominação geográfica, é também uma construção social e política do Ocidente. O autor, que sempre apreciou a filologia, munuiu-se de várias obras de autores franceses e ingleses do século XIX, como Gustave Flaubert, e construiu seu repertório para compreender a lógica ocidental, aplicando isso à obra. No entanto, esse apreço não se resumiu a escritores europeus, Said usava da literatura oriental para compreender e dimensionar essas estruturas. Sua notabilidade foi tanta para o assunto, que se tornou precursor dos estudos pós-coloniais.

Indo de encontro ao presente artigo, parte da compreensão dessas estruturas de poder se dá através da sexualização e objetificação de mulheres orientais como parte da construção ocidental do Oriente como um lugar exótico, misterioso e inferior ao Ocidente. Ao longo de diversas passagens que parafraseiam autores do movimento artístico realista, é possível perceber a visão eurocêntrica e de branquitude em relação às visitas que fizeram às regiões citadas, sempre com um olhar de estranheza e encantamento.

A seguir, serão analisados alguns trechos que exemplificam essa sexualização com mulheres e corpos femininos:

O Oriente não foi orientalizado só porque se descobriu que era “oriental” em todos aqueles aspectos considerados lugares-comuns por um europeu comum do século XIX, mas também porque poderia ser transformado em oriental. Há muito pouco consenso em jogo, por exemplo, no fato de que o encontro de Flaubert com uma cortesã egípcia produziu um modelo amplamente influente da mulher oriental; ela nunca falava de si mesma, nunca representou suas emoções, presença ou história. Ele falava por ela e a representou. Ele era estrangeiro, relativamente rico, do sexo masculino, e esses eram fatos históricos de dominação que lhe permitiram não apenas possuir fisicamente Kuchuk Hanem, mas falar por ela e contar a seus leitores de que maneira ela era “tipicamente oriental”. O meu argumento é que a situação de força de Flaubert em relação a Kuchuk Hanem não era um caso isolado. Representa justamente o padrão de força relativa entre o Leste e o Oeste, e o discurso sobre o Oriente que esse padrão tornou possível. (Said, 2007, p. 32-33)

Said (2007) diz que a representação que Gustave Flaubert (autor de *Madame Bovary*) elucida exatamente o ponto que quer provar, onde um homem dominador invade o espaço pessoal de uma mulher e a trata justamente como uma posse, tanto no fato de dominar seu corpo, quanto falar por ela. Em outra passagem, Said (2007) diz que:

A grande probabilidade de que as ideias sobre o Oriente tiradas do Orientalismo possam ser empregadas na política é uma verdade importante, mas extremamente delicada. Propõe questões sobre a predisposição para a inocência e a culpa, o desinteresse erudito ou a cumplicidade do grupo de pressão, em campos como os estudos dos negros e das mulheres. Provoca necessariamente inquietação em nossa consciência sobre generalizações culturais, raciais ou históricas, os seus usos, valor, grau de objetividade e intenção fundamental. Mais que qualquer outra coisa, as circunstâncias políticas e culturais em que o Orientalismo ocidental floresceu chamam a atenção para a posição degradada do Oriente ou do oriental como um objeto de estudo (Said, 2007, p. 145).

Dessa forma, esse processo está totalmente atrelado ao racismo estrutural⁴, uma característica central dessa dinâmica, uma vez que as representações das mulheres asiáticas não são apenas estéticas ou culturais, mas envolvem relações de poder históricas e sociais. Esse processo de exotificação, novamente, está profundamente enraizado nas relações de poder, onde o Ocidente, historicamente, impôs sua visão de mundo e seu controle imperialista sobre o Oriente. O resultado é que as mulheres asiáticas são frequentemente vistas como figuras a serem possuídas ou consumidas, seja sob o estigma da "dragon lady", com seu poder ameaçador e impenetrável, ou como a "flor de lótus", que carece de autonomia e está em constante serviço aos outros.

A mulher oriental é uma ocasião e uma oportunidade para as meditações de Flaubert; ele está extasiado com a auto-suficiência de Kuchuk, com a sua indiferença emocional, e também com o fato de que, deitada a seu lado, ela lhe permite pensar. Menos uma mulher do que um espetáculo de feminilidade impressionante mas verbalmente inexpressivo, Kuchuk é o protótipo da Salammbô e da Salomé de Flaubert, bem como de todas as versões da tentação feminina carnal a que seu santo Antônio é submetido. (Said, 2007, p. 259).

Ao fazer essa associação [entre o Oriente e o sexo], Flaubert não era o exemplo mais exagerado de um tema que persiste de forma extraordinária nas atitudes ocidentais para com o Oriente. Por que o Oriente ainda parece sugerir não só a fecundidade, mas a promessa (e a ameaça) sexual, a sensualidade incansável, o desejo ilimitado, às profundas energias negativas, é algo sobre o qual poderíamos especular (devemos reconhecer a sua importância como algo que suscita nos orientalistas respostas complexas, às vezes até uma assustadora descoberta sobre si mesmo, e Flaubert era um caso interessante nesse sentido) (Said, 2007, p. 260-261).

Nestas duas passagens, novamente Said (2007) reafirma as atribuições que fazem às mulheres, além de pessoas erotizadas, que servem para satisfazer seus desejos, também possuem a função de trazer luz à vida de homens, como se fossem responsáveis por manterem a paz no relacionamento.

Os orientais eram vistos numa estrutura construída a partir do determinismo biológico e da censura moral-política. O oriental era, portanto, associado a elementos na sociedade ocidental (os delinquentes, os insanos, as mulheres, os pobres) que tinham em comum uma identidade mais bem descrita como

⁴ O racismo estrutural refere-se à forma como o racismo está enraizado nas instituições, normas e práticas sociais, perpetuando desigualdades raciais de maneira sistemática e muitas vezes invisível. Ele não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas sim em políticas e estruturas que favorecem determinados grupos em detrimento de outros (Almeida, 2019).

lamentavelmente estrangeira. Os orientais raras vezes eram vistos ou olhados; eram devassados, analisados não como cidadãos, nem como um povo, mas como problemas a serem resolvidos ou condenados ou — como as potências coloniais cobiçavam abertamente o seu território — conquistados. Como o oriental era membro de uma raça subjugada, ele tinha de ser subjugado: era assim simples. Isso é evidente de maneira particular nos escritos de viajantes e romancistas: as mulheres são em geral criaturas de uma fantasia de poder masculina. Manifestam uma sexualidade ilimitada, são mais ou menos estúpidas e, acima de tudo, insaciáveis. (Said, 2007, p. 281-282).

Há um pré conceito existente. Os orientais são vistos como inferiores e apenas por existirem já passam por situações em que são completamente descredibilizados, isso em qualquer aspecto. Ao fim, cita brevemente sobre como as mulheres são enxergadas, sempre como pessoas submissas e dependentes intelectualmente de outros homens.

Os povos menores — outrora colonizados, escravizados, suprimidos — não precisam mais ficar calados ou se deixar explicar apenas por europeus e americanos mais velhos do sexo masculino. Houve uma revolução na consciência das mulheres, das minorias e dos marginais, tão poderosa a ponto de afetar o pensamento dominante em todo o mundo. Embora eu tivesse alguma consciência dessa revolução enquanto trabalhava no *Orientalismo* na década de 1970, ela é agora tão dramaticamente visível que demanda a atenção de todos os que se interessam seriamente pelo estudo acadêmico e teórico da cultura (Said, 2007, p. 461-462).

O autor finaliza dizendo que há visível evolução em relação a construir caminhos e abrir espaços para que os orientais falem.

O que sobretudo lhe agradava na dançarina era que ela não parecia exigir-lhe nada, enquanto o “odor nauseante” dos perceijos de sua cama se misturava encantadoramente com “o aroma de sua pele, que gotejava sândalo”. Depois de sua viagem, ele escreveu tranquilizadamente a Louise Colet que “a mulher oriental não passa de uma máquina: ela não faz distinção entre um homem e outro homem”. A sexualidade muda e irredutível de Kuchuk permitia que o pensamento de Flaubert se perdesse em rumações que exerciam sobre a sua mente um poder obsessivo (Said, 2007, p. 259).

Dessa maneira, é válido ressaltar a diferença entre racismos que pessoas pretas e amarelas sofrem. Ambas são vítimas do racismo estrutural, no entanto, suas manifestações e impactos variam em função das histórias de opressão, contextos geopolíticos e das relações de poder. As raízes do racismo de pessoas pretas começam desde o período da escravidão; elas são alvos de violência policial, encarceramento em massa, segregação espacial, exclusão educacional e outros aspectos. Já o racismo de pessoas amarelas ocorre de maneira diferente, sua origem acontece durante as diásporas e colonização asiática e combina a fetichização e a exclusão cultural, reforçando a imagem de “eternos estrangeiros”. Além disso, é marcado por estereótipos ambíguos, como o da minoria modelo, que aparenta ser positivo, mas invisibiliza desigualdades, reforça a exclusão e cria divisões com outros grupos racializados, especialmente pessoas negras.

Portanto, a “generificação” racial associa características de gênero a grupos racializados, feminilizando asiáticos no geral como tímidos e submissos e masculinizando negros como agressivos. Para mulheres amarelas, isso cria uma “dupla feminização”,

amplificando seu capital sexual em certos contextos, especialmente no Ocidente. Já mulheres negras sofrem com a masculinização de sua raça, que nega sua feminilidade e reforça estereótipos de força e desumanização. Esses processos sustentam hierarquias de poder e reforçam desigualdades de raça e gênero (Zheng, 2016).

As mulheres asiáticas, enquanto agentes sociais e políticas, são frequentemente silenciadas ou reduzidas às imagens construídas por uma ótica ocidentalizada que as desumaniza. Ao focar nas imagens estereotipadas de submissão ou dominação, o debate sobre as experiências reais dessas mulheres na Ásia e nas diásporas é muitas vezes ofuscado. O feminismo ocidental, em sua maioria, tem dificuldade em incorporar as especificidades culturais e históricas das mulheres asiáticas, tendendo a universalizar a experiência feminina de maneira que marginaliza as questões raciais, étnicas e culturais.

Além disso, a construção de imagens fetichistas sobre essas mulheres contribui para um feminismo que, muitas vezes, não reconhece as complexidades de suas lutas. O racismo estrutural dentro do feminismo, em que a voz da mulher branca ocidental é privilegiada, é um dos maiores obstáculos para uma análise crítica que possa compreender as diferentes formas de opressão vividas pelas mulheres asiáticas. O feminismo interseccional, proposto por Crenshaw, aborda como essas dimensões sociais se entrelaçam na experiência das mulheres. No entanto, mesmo essa perspectiva precisa ser constantemente ampliada para incluir as múltiplas formas de resistência e agência das mulheres asiáticas, além de questionar o próprio papel do Ocidente na construção dessas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said (2007) revela como o Ocidente construiu um imaginário do Oriente marcado por estereótipos e distorções, especialmente no que diz respeito à representação das mulheres orientais. Essas representações, frequentemente sexualizadas e submissas, servem para reforçar a ideia de que o Ocidente é racional e moralmente superior, enquanto o Oriente é decadente e misterioso.

A sexualização das mulheres orientais, descritas como figuras de desejo e objetos a serem consumidos, é central para essa construção, e Said (2007) demonstra como a literatura, a arte e a política ocidentais têm perpetuado essas imagens. Ao fazer isso, o Ocidente não só desumaniza as mulheres orientais, mas também justifica sua dominação cultural e política, colocando-as em uma posição inferior. Esse processo de objetificação está intimamente ligado a questões de raça e poder, uma vez que o orientalismo também está fundamentado na ideia de uma hierarquia racial que subordina os povos do Oriente.

Debater esse tema é de extrema importância, uma vez que permite questionar e desconstruir as narrativas coloniais e imperialistas que ainda moldam as relações internacionais e a percepção cultural global. Ao refletirmos sobre as imagens construídas pelo Ocidente, podemos perceber como as mulheres asiáticas, e nesse contexto, as amarelas,

continuam sendo marginalizadas e silenciadas em diversas esferas da sociedade, seja na cultura, seja nas políticas públicas. A obra de Said (2007) oferece uma base teórica sólida para entender o impacto dessas representações, ajudando a compreender como elas se entrelaçam com as relações de poder, impondo uma visão distorcida que limita a autonomia e agência das mulheres orientais.

A crítica de Said (2007) também nos leva a perceber a necessidade de um feminismo interseccional, que não se limite às questões de gênero do Ocidente, mas que seja capaz de incluir as complexidades culturais, raciais e históricas das mulheres orientais. Ao integrar essas perspectivas, podemos promover um entendimento mais justo e profundo das lutas dessas mulheres e de seu papel no contexto global. A importância de debater essas questões nas RI é clara, pois elas têm impacto direto nas políticas exteriores e nas dinâmicas de poder entre o Oriente e o Ocidente. Por fim, reconhecer as construções e estereótipos impostos pelo Ocidente permite questionar as dinâmicas de poder que moldam diferentes sociedades, abrindo espaço para narrativas plurais e interações mais justas entre culturas e identidades diversas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo** Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Memória. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, s.d., p. 27.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativas ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

Edward W. Said. **Companhia das Letras**, s.d. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00432/edward-w-said>

FOIATTO, Jordana. Representação de Gênero nos Conflitos Armados: uma análise da produção teórica feminista em Relações Internacionais a partir de 1980. **Cadernos de Relações Internacionais/Puc - Rio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. , p. 23-43, set. 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35211/35211.PDF>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GADELHA, Isabela. Como o fetiche por asiáticos afeta mulheres e homens amarelos, e de que maneira o k-pop impactou esse cenário. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/como-o-fetiche-asiatico-afeta-mulheres-e-homens-amarelos-e-de-que-maneira-o-k-pop-impactou-esse-cenario/>>. Acesso em: 03 dez. 2024.

KURIHARA, Julia Tiemi; BALISCEI, João Paulo. "Japonesa, abre o olho": racismo, xenofobia e misoginia contra mulheres amarelas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69,

p. 273–293, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/65978>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MORAGAS, Vicente. Que categorias o Censo IBGE utiliza para raça e cor?. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT)**, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/que-categorias-o-censo-ibge-utiliza-para-raca-e-cor#:~:text=Amarelo%20se%20refere%20%C3%A0%20pessoa,%C3%A1reas%20quilombolas%20e%20em%20cidades>. Acesso em: 04 dez. 2024.

MORRE o intelectual palestino Edward Said. **BBC News Brasil**, 2003. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2003/09/printable/030925_saidmtc. Acesso em: 08 de dez. de 2024.

MUTA, Nathália; CORREA, Crishna. MACHISMO ESTRUTURAL E FETICHIZAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER ASIÁTICA AMARELA NO OCIDENTE. Maringá: **Anais do 32º Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC) e o 12º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior (EAIC JR)**, 2023. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2023/anais/artigos/6586.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2024.

OLIVEIRA, Thainã. Diferentes mulheres, diferentes feminismos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/bkFQ3TW9Sks3qzbbbzkPTGk/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

PIRES, Isabel. Um Lótus ou um Dragão? - a orientalização e fetichização dos corpos das mulheres Asiáticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 1-10, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fMHHbRCYNQZsnhCDbWHgy5Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALVATERRA, Sara Cristina Semedo Fortes Jerónimo. **Mulheres na diplomacia contemporânea: desafios e perspectivas nas Relações Internacionais**. 2019. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

SANTOS, Wéllia Pimentel. Feminismos e Relações Internacionais: por que precisamos de mais mulheres na agenda internacional?. **C@Lea - Cadernos de Aulas do Lea**, Iléus, v. 12, n. 1, p. 139-155, 17 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/calea/article/view/3816/2490>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SIMIONI, Fabiane; KYRILLOS, Gabriela de Moraes; VIDAL, Camila Feix. Perspectivas teóricas feministas em Relações Internacionais: tensionamentos entre norte e sul globais. **Civitas**: revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 1-12, 2024. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/44494>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em 03 dez. 2024.

SOUZA, Ana Clara Telles C. de. ““O Pessoal é Internacional”: Como as Teorias Feministas Transformam o Estudo das Relações Internacionais”. Londrina: **Anais do III Simpósio de Gênero e Políticas Públicas**, 2014. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_Ana%20Clara%20Telles%20C%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2024.

TICKNER, J. Ann. **Gendering World Politics**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001. 214 p.

ZHENG, Robin. Why Yellow Fever Isn't Flattering: a case against racial fetishes. **Journal Of The American Philosophical Association**, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 400-419, 2016. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/apa.2016.25>. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/96D2F19F052E8A2625968037BE756FEA/S2053447716000257a.pdf/why-yellow-fever-isnt-flattering-a-case-against-racial-fetishes.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2024.